



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 66

27, FEVEREIRO, 1978

A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO MURA-PIRAHÃ

Adélia Engrácia de Oliveira
Museu Goeldi

RESUMO: Apresentação de dados gerais sobre a organização social e econômica dos índios Pirahã, subgrupo Mura, localizado no rio Maici, afluente do Marmelos (Madeira-AM), dados esses coletados em 1973 e revisados em 1975 e 1976. Os aspectos sócio-econômicos descritos estão relacionados ao sistema terminológico de parentesco desses índios, enquanto sistemas de classificação, e a análise dessa terminologia é o ponto central do trabalho. Foi classificada como um sistema de duas seções, sistema esse que é acompanhado por uma regra prescritiva de casamento, sendo que a terminologia de parentesco dos Pirahã parece ser consideravelmente mais simples do que as demais conhecidas para os grupos tribais das Américas e da Amazônia em particular. Os termos são categorizados em função da geração de Ego, a dos mais velhos e a dos mais novos, dando como conclusão apenas seis categorias de parentesco.

INTRODUÇÃO

Os índios Mura-Pirahã localizam-se na micro-região 7 (AM)-Madeira (IBGE, 1970 : 11), que está incluída no domínio morfoclimático amazônico (AB'Saber, 1970: 18 e ss). Sua área de influência estende-se pelos rios Maici e Marmelos e, em 1976, estavam situados em duas aldeias, uma no baixo Maici, ao redor de uma Missão do **Summer Institute of Linguistics**, em uma ponta de terra firme conhecida como Posto Velho, por ser local de antigo Posto do S.P.I. e outra no alto Maici, num aldeamento chamado Mariral. Os indivíduos que aí viviam eram mais arredios ao contato e não

recebiam proteção oficial ou missionária. Só esporadicamente procuravam os missionários do **Summer** estabelecidos no Posto Velho. Há cerca de 20 anos os remanescentes Pirahã viviam reunidos em um só grupo num local denominado Cajá, no alto rio, quando um deles, por problemas de or-

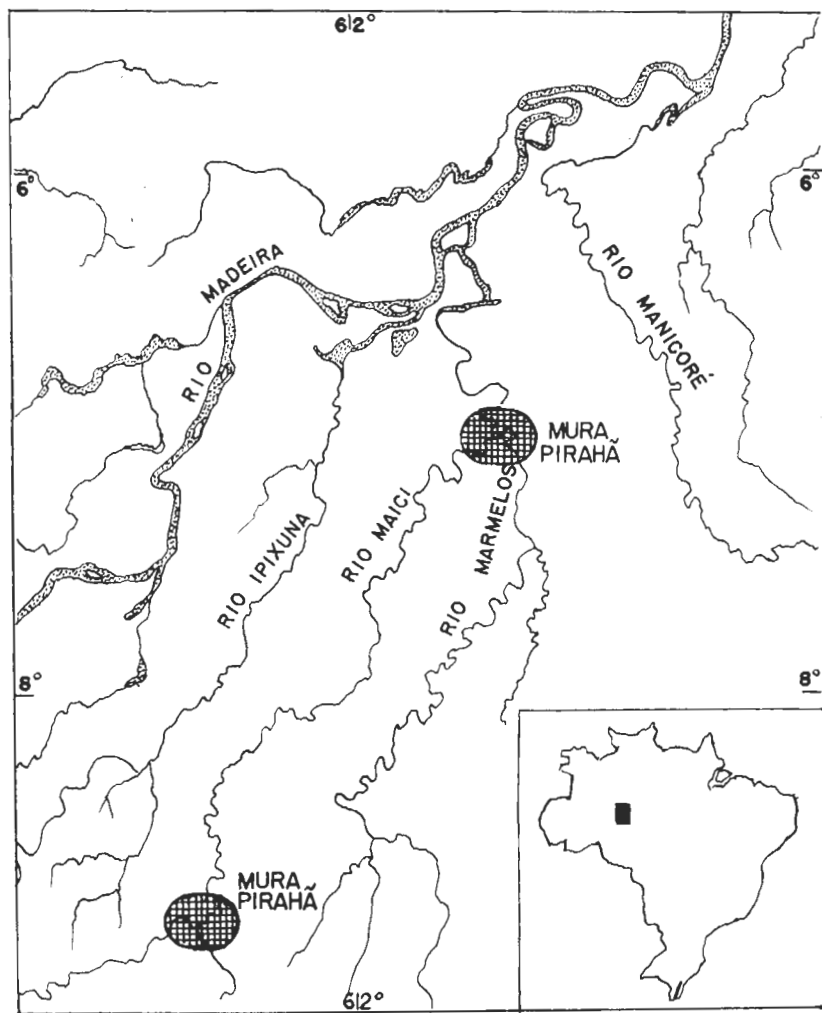


Fig. 1 — Localização dos aldeamentos Mura-Pirahã visitados.

dem interna, matou 2 ou 3 indivíduos e fugiu com seu grupo doméstico e com seus partidários para o baixo Maici. Logo depois, em 1960, entrava em contato com o pessoal do **Summer**. Apesar da cisão, os dois agrupamentos são constituídos por índios aparentados consanguínea e socialmente e, por causa da situação demográfica precária que eles apresentam, alguns casamentos estão-se dando entre os membros de uma e outra aldeia.

Os Pirahã parecem constituir um subgrupo dos Mura (Nimuendaju, 1948: 266) e falam um dialeto distinto daqueles. Os estudos recentes dos lingüistas do **Summer** mostram que o "Mura-Pirahã é uma das três línguas que provavelmente compõem a família lingüística conhecida como Mura, sendo que as outras duas são o Mura-Torá e o Mura". (Heinrichs, 1964: 1). Estas últimas, segundo informações coletadas *in loco*, não possuem nenhum falante remanescente. Foram substituídas pela *lingua geral* e pelo *português*. Aliás, os Pirahã também utilizam termos da *lingua geral* pensando, algumas vezes, que estão a falar o português. Quando empregam palavras como *curumim* (menino), *poracê* (dança, festa) e outras da *lingua geral*, os Pirahã dizem que estão "falando brasileiro". Em seu dialeto têm outros vocábulos para expressar esses significados. O português é conhecido e falado somente por uns poucos índios e, mesmo assim de forma precária e muito rudimentar. Palavrões são usados a todo momento numa conversa truncada e obtida com dificuldade.

De acordo com os dados compulsados na bibliografia, os índios Mura teriam sido numerosos no passado (1), abrangendo uma grande área de ação que se estendia da fronteira do Peru até o Trombetas (2). Durante o século XVIII, de

(1) — Segundo um Anônimo (Ilustração, cópia 01 e cópia 14), em 1826 eles somavam para cima de 60000, enquanto que as estimativas de Spix e Martius, feitas em 1820, dão um total de 30000 a 40000 indivíduos Mura (Spix and Martius, 1823: vol. 3 **apud** Nimuendaju, 1948: 257).

(2) — Cf. principalmente Nimuendaju (1925: 140) e Grubb (1927: 104).

formas diversas eles tentaram impedir a invasão de seus territórios pelos "civilizados", o que os fez ser temidos em toda a Amazônia. Com suas incursões e ataques eles dificultaram o estabelecimento dos portugueses, a ação das missões e das guarnições militares em vasta região da Amazônia; obrigaram Itacoatiara e Borba a mudar de colocação cinco e quatro vezes respectivamente; colocaram obstáculos à comunicação fluvial entre Mato Grosso e Pará, através do rio Madeira, durante algum tempo e atemorizaram as "vilas" e os "lugares" da Amazônia (3). Mas pelo fato de estarem tentando rechaçar a invasão dos "civilizados" em suas terras os Mura foram massacrados e atacados anualmente pelas "Tropas Auxiliares da Capitania" e por expedições punitivas diversas o que os fez sofrer grande mortandade, aumentada por epidemias como sarampo e bexiga. Na tarefa de combater os Mura os portugueses aliciaram a seu serviço os índios Mundurukú. A pressão se fez de tal ordem que entre 1784 e 1786 eles procuraram a paz em St.º Antônio do Maripí, no rio Japurá.

Apesar da dependência mais acentuada da sociedade nacional, que adquiriram com essa procura de paz, eles continuaram sem proteção e em 1834-36 aliaram-se aos Cabanos durante a Cabanagem e com eles foram massacrados.

Sendo, pois, vitimados por epidemias e por ataques civis e militares, os Mura foram-se reduzindo numericamente como consequência do contato com os "civilizados" e acabaram por se integrar às comunidades rurais das cercanias onde viviam, perdendo, pois, as características básicas de sua cultura. Em 1926 Nimuendaju (1948: 257) calculou-os em 1390 indivíduos que se localizavam nos rios Madeira, Autaz e Urubu. Segundo aquele autor o seu total poderia atingir 1600. Atualmente eles são referidos como habitando a "margem direita do Solimões, à jusante do Coari, entre o Solimões e o Autaz, margem direita do Canumã, curso médio do

(3) — Para uma referência bibliográfica com maiores detalhes veja-se o trabalho de Nimuendaju (1948) e Rodrigues & Oliveira (1977).

Madeira, no rio Urubu, próximo ao furo do Arautó" (Malcher, 1962: 99). Em 1975, durante uma viagem pelo rio Madeira, "soubemos da existência de Mura não só na região do Autaz mas também no Capanã Grande, Manicoré, Lago Acará (rio Madeira) e Lago Aiapuá (rio Purus)" (Rodrigues & Oliveira, 1977: 10). Não possuímos uma estimativa populacional mas, segundo informações verbais, eles não atingem a casa dos 1000.

Conforme já se disse, os Pirahã do rio Maici constituem um subgrupo Mura. Parece, também, que são os únicos que ainda mantêm alguns traços da cultura tradicional. Todavia, quando dizemos tradicionais estamos nos referindo às informações prestadas pelos Pirahã com relação ao que os "antigos" diziam ou à forma como agiam, uma vez que não possuímos apoio bibliográfico, mormente no aspecto relativo à terminologia de parentesco e não sabemos se essa terminologia tal qual se apresenta nos dias atuais é um aspecto da estrutura tradicional ou se foi modificada ou arranjada face ao processo aculturativo e depopulativo que há dois séculos os Mura vêm sofrendo.

As razões da escolha da terminologia de parentesco dos Pirahã como objeto do presente trabalho são:

a) o sistema terminológico dos Pirahã parece ser consideravelmente mais simples do que os demais conhecidos para os grupos tribais das Américas e da Amazônia em particular e pareceu-nos necessário divulgá-lo;

b) como as estradas Transamazônica e a Manaus-Porto Velho passam próximas à sua presente localização, os tributários do rio Madeira (AM), os efeitos disruptivos do contato com os "civilizados" estão-se acentuando e, dessa forma, torna-se urgente e necessário, assim como se fosse um trabalho de "Etnologia de Salvamento", o conhecimento de aspectos nunca antes abordados e que tendem a desaparecer por completo, tal qual já ocorreu com os Mura localizados acima. Hoje em dia, além do contato com castanheiros, seringueiros, madeireiros, regatões, caboclos e missionários

rios do **Summer**, os Pirahã são procurados pelos embarcações que durante a estação das chuvas carregam óleo para a estrada Transamazônica através do rio Maici e desejam abastecer-se de peixe com os índios aqui focalizados. E alguns trabalhadores da Manaus-Porto Velho chegam até eles também. Como a terminologia de parentesco é um aspecto essencial do sistema de classificações e de relações dos Mura-Pirahã e nunca foi estudada, ela foi escolhida como tema deste trabalho.

Os dados aqui apresentados foram coletados em 1973, durante três meses de trabalho de campo com os índios Pirahã que estavam acampados numa praia do rio Marmelos, na boca do Maici, e revisados posteriormente durante novas viagens à região, tanto com os índios do alto quanto do baixo Maici, em setembro de 1975 (4) e março-abril de 1976. Nessa última viagem eles "somavam 98 indivíduos, sendo 57 do sexo masculino e 41 do feminino, dos quais 33 homens e 27 mulheres (60 no total) achavam-se no Posto Velho e 24 homens e 14 mulheres (38 no total) estavam na aldeia do Mariral. Esse total não difere do fornecido por Nimuendaju em 1925, pois, segundo o mesmo, o "seu número é de noventa e tantos" (1925: 142) e nem do observado por Heinrichs (1964: 1) que fala em 100 pessoas" (Rodrigues & Oliveira, 1977: 14). Esse mesmo número (100) é fornecido por Sheldon (1974: 279).

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DA COMUNIDADE PIRAHÃ

Os aspectos sócio-econômicos básicos da comunidade Pirahã, aspectos esses que estão relacionados ao sistema terminológico de parentesco desses índios enquanto siste-

(4) — Durante os anos de 1973 e 1975 fomos acompanhados por Ivelise Rodrigues, assistente de pesquisa do CNPq, lotada no Museu Goeldi, a quem agradecemos o apoio então dado. Também agradecemos a Linda e Steven Sheldon, missionários do **Summer**, que residiam no Posto Velho, pela ajuda prestada durante as 3 etapas do trabalho de campo, inclusive, algumas vezes, como tradutores, e a Peter Rivière, do Instituto de Antropologia Social de Oxford, por sugestões dadas.

mas de classificação que categorizam quem vai ou não pescar, com quem pode ou não casar, etc. serão a seguir registrados de forma preliminar e resumida, uma vez que o escopo principal do trabalho é a terminologia de parentesco em si.

Os Mura no passado e os Pirahã atualmente são conhecidos como um grupo canoieiro e pescador que devido às suas constantes incursões por água preferiam e preferem estabelecer-se em locais onde o acesso aos rios e lagos é mais fácil. Não possuíam aldeias fixas, o que está começando a ocorrer sob a influência dos missionários do **Summer**. É provável que face a essas novas condições eles venham a incrementar a agricultura que, no momento, é precaríssima. Até a época de nossa pesquisa possuíam apenas pequenas roças, abertas em redondo pelo processo de derrubada e queima da mata, onde plantavam mandioca, macaxeira, cana-de-açúcar, batata doce e cará somente para o sustento de uma família nuclear. Não comerciavam produtos agrícolas com os regatões e outros "civilizados" que por lá apareciam. O mesmo não ocorria com a pesca, uma vez que a grande maioria de barcos e motores que paravam em seus aldeamentos iam atrás de peixe para alimentação. A caça e a coleta de mel, ovos de tracajá, palmito e frutos silvestres constituem as outras atividades de subsistência praticadas por esses índios. Eventualmente a caça pode tornar-se uma mercadoria de escambo com os "civilizados" que por lá aparecem e, segundo pudemos observar, quando se tratava de fazerem uma troca com peixe ou caça, havia sempre um intermediário no escambo com o "civilizado". Em vez da própria pessoa que havia pescado ou caçado fazer a transação, ia um seu irmão, filho, genro ou sogro (alguém do sexo masculino) preferencialmente, em seu lugar.

Como as variações sazonais são muito abruptas na região, os aldeamentos Pirahã seguem o movimento de descida e subida das águas quer seja época de seca, enchente ou vazante, uma vez que eles procuram sempre estar junto às mesmas. Quando as águas do rio Maici começam a su-

bir eles estabelecem-se na "terra firme" e conforme elas vão baixando procuram as praias que surgem ao redor das terras onde haviam-se fixado em tapiris precários durante a estação chuvosa. No período de estiagem vivem ao relento, na areia dessas praias.

Esse ritmo sazonal é importante para o ciclo anual de atividades, pois, tanto econômica quanto social e ideologicamente os Pirahã têm variações quer estejam numa ou noutra estação, e pode-se mesmo dizer que tais índios concebem seu espaço ecológico como uma oposição entre alto/baixo, oposição essa que é similar à de estação chuvosa/estação seca. Por exemplo, eles pescam tanto no estio quanto na época das chuvas mas em ambos os períodos há modificações com relação às técnicas. Quando o rio está cheio é quase impossível eles pescarem com anzóis e fios de *nylon* obtidos em troca com os "civilizados". Fazem, então, amplo uso de armadilhas onde ficam à "espera" do peixe que é fisgado com arco e flecha. Já quando a água baixa e aparecem as praias, embora o arco e a flecha continuem a ser utilizados, é a época de fazerem uso de anzóis, timbó, colheres de pesca e fios de *nylon*. É também no estio que saem à procura de ovos de tracajá na areia das praias e podem caçar, o que só ocorria por acaso quando a chuva era muita. Na enchente é maior o contato com os barcos e motores de regatões e caboclos que surgem à procura de castanha-do-Pará, pau-rosa, sorva, sorvinha e óleo de copaíba. Já na seca eles quase ficam a salvo desse contato que tem sido disruptivo para sua cultura, uma vez que os barcos maiores, devido a seu calado, não podem cruzar os rios que apresentam um nível de águas muito baixo, e muito menos as cachoeiras que então aparecem.

Durante a seca o papel da família nuclear parece ser mais importante que o da extensa, dando-se o inverso na época das enchentes. Quando chove muito, as atividades cooperativas aparecem de forma mais acentuada. O grupo inteiro dá a impressão de funcionar como uma ampla famí-

lia extensa. Todavia, apesar da pelo menos aparente diferença de função da família nuclear e extensa na **seca** ou na **enchente**, toda vez que há necessidade do grupo unir-se, independente da estação do ano, a coesão ocorre sob a forma de trabalho organizado com tarefas distribuídas. De nosso diário de campo — 1973, transcrevemos um trecho relativo a uma caçada de porcos selvagens que casualmente atravessavam o local onde estávamos acampados com os Pirahã:

No dia 7/9 cerca de 12h.30', quando estava acabando de almoçar, ouvi um grito altíssimo e terrível. Pensei que algo ruim houvesse acontecido e saí correndo a perguntar o que fora mas, fui barrada por Dikito que, em voz baixa, me pediu que calasse. Ao mesmo tempo apontou-me o rio. Vi, então, uma vara de porcos selvagens a atravessá-lo, quase em frente ao acampamento. Estavam muito próximos. No mesmo instante foi uma correria infernal. Até o Bernardo que estava a queixar-se de dor de barriga saiu correndo. Dikito pediu-me dois cartuchos 20 e após recebê-los deu-os a não sei quem. De todos os lados corria gente. Simão, Brasileiro, Bernardo, Paulo, Ambrósio, Potiguara, Simião, Oeboetô e Luís saíram nos quatro barcos disponíveis, ficando no porto apenas um. Dikito permaneceu na aldeia. Os que saíram nos barcos acertaram três com balas. E enquanto os porcos mortos eram levados pela correnteza, eles acuavam outros cinco. U'a mulher chamada Etaibigai, nesse meio tempo pegou a canoa que ficara e foi atrás dos animais que estavam sendo levados pela correnteza. Um dos porcos que fugia, entretantes, tentava chegar à margem onde fica o acampamento. Dikito foi-lhe ao alcance, antes tendo pegado um dos paus do jirau de sua casa. Com ele bateu na nuca do animal, que caiu. Potiguara, de barco, acuava um outro. Deu-lhe com o remo e depois pegou-o por uma das patas e deixou-o emborcado na água, a afogar. Quando ele parou de mexer, agarrou-o e puxou-o para o barco. Na outra margem, os porcos que tentavam sair foram abatidos com pauladas. Durante todo o tempo as mulheres ficaram na aldeia a berrar e a indicar os movimentos dos porcos. Ao todo, no final dessa caçada coletiva e "aquática", haviam 8 animais mortos que foram distribuídos por todos os moradores do acampamento, inclusive os que estavam ausentes no momento da caçada.

É comum, também, verem-se as canoas e as espingardas como objetos de uso generalizado entre os Pirahã. E embora cada grupo doméstico possua fogo em sua casa, pa-

ra o preparo de alimentos, este pode ser usado por adultos e crianças de outros grupos quando o de seus tapiris está apagado e eles querem assar uma batata-doce, u'a macaxeira ou um pacu, por exemplo.

Ainda como amostra de colaboração recíproca, uma ocasião (1973) em que os Pirahã estavam reduzidos a pouquíssimas canoas e que ficara apenas uma, bem pequena, no porto, depois que alguns índios haviam saído para pescar, três casais que iam trabalhar na roça em frente ao acampamento, tendo que atravessar o rio para lá chegar, resolveram o problema da seguinte maneira: — um dos homens levava um casal e voltava com a canoa para que o outro casal pudesse ir, até que restou apenas um casal, o qual estacionou a canoa em frente ao local onde estavam as roças, sendo o mesmo processo realizado na volta.

Dessa forma, embora a família nuclear seja a unidade econômica e social básica do grupo Pirahã, o que, como já se disse, pode ser observado principalmente na época do estio, a impressão que se tem, na prática e na convivência cotidiana, é que eles funcionam social e economicamente como uma só unidade que está preocupada com a sobrevivência física do grupo. Eles dizem que tudo pertence a todos porque todos os Pirahã são irmãos. A obtenção da terminologia de parentesco inclusive ofereceu dificuldades por causa desse fato. Mas com o tempo conseguiu-se uma diferenciação por geração. Como se verá mais adiante, terminologicamente há a geração de Ego, a dos mais velhos e a dos mais novos. E tal fato é refletido claramente no viver do dia a dia Pirahã. Por exemplo, o cuidado com as crianças não é só um dever dos pais mas daqueles que estão na mesma categoria que a do pai. E como é comum eles trocarem de cônjuge e a mulher durante sua vida ter vários companheiros, ela em geral possui filhos de homens diversos que são cuidados principalmente por aquele que naquele momento é o seu marido. Com a morte da mãe as crianças em ge-

ral vão morar na casa de seu pai. Com a morte de ambos os irmãos mais velhos cuidam dos mais novos ou, então, o irmão ou a irmã da mãe toma tal tarefa a seu encargo, preferencialmente o irmão mais velho. Se o pai e a mãe da mãe forem vivos, eles adotam a criança com prioridade sobre os demais parentes. Segundo os informantes, não há exemplos de crianças serem adotadas pelos parentes paternos. Mas é importante observar que os Pirahã como um todo exercem o papel de cuidarem-se mutuamente. E há indivíduos com tarefas específicas. Certa feita, quando nos deslocávamos de barco para uma roça, observamos que em uma outra canoa que ia bem devagar, ao sabor da correnteza, estava um homem adulto com 4 garotos. Ao perguntarmos o que eles faziam, respondeu-nos que estava ensinando os meninos a "espiar peixe". Havia um outro, já velho, que era iniciador sexual de meninas impúberes, sendo provável que o inverso se desse com as mulheres mais velhas. Esse mesmo homem, auxiliado pelas mulheres, cuidava de doentes e, algumas vezes, servia de intermediário na troca com os "civilizados". Certa ocasião, quando em seu ajeitamento parou um barco de comerciante, ele foi até lá levando pouca coisa para trocar. Mas disse que as crianças estavam com fome e que sua mulher estava morrendo de uma doença qualquer. Enfim, pintou uma situação tão negra que acabou conseguindo enganar os "civilizados" e trazer muita coisa em troca das poucas que levara. E o produto obtido foi repartido com os demais índios. Essa repartição, entretanto, tem sempre um valor de troca pois aquele que recebe algo hoje dará um outro produto ou prestará um serviço amanhã. Eles sempre comentam à noite o que aconteceu durante o dia e aproveitam a ocasião para distribuírem as tarefas. Parece que fazem um rodízio entre eles para pescar e caçar, se bem que um e outro se sobressaia nessas tarefas e passe a realizá-las com maior assiduidade, sendo, então, substituídos em outras tarefas pelos Pirahã menos exímios nessas atividades como, por exemplo, os mais idosos.

A divisão de trabalho entre os sexos é muito frágil e tal fato também parece estar refletido na terminologia de parentesco conforme poderá ser visto posteriormente. Todavia, embora façam praticamente as mesmas tarefas, há especializações dentro delas como, por exemplo, ao colaborar com a mulher na fabricação da farinha, o homem passa a massa pua no tipiti e torra-a, enquanto a mulher pega a massa retirada desse tipiti e peneira-a antes de torr-la. Mulher caça mas só com cachorro acompanhando-a. E, em geral, animal de pequeno porte como paca e cotia.

Com relação ao casamento, conforme se verá mais adiante expresso na terminologia de parentesco, há apenas uma categoria onde o mesmo pode ser realizado, constituída exclusivamente pelo primo cruzado bilateral (cf. fig. 2), o que dá a esta instituição um caráter prescritivo, ou seja, Ego tem obrigatoriedade de casar-se com alguém de sua própria geração, que não seja seu primo paralelo nem faça parte de seu *sibling*. Na realidade, porém, os casamentos têm-se dado não só entre primos cruzados bilaterais mas também entre primos paralelos, entre um homem e a filha do irmão, entre um homem e a prima paralela da mãe, entre um ho-

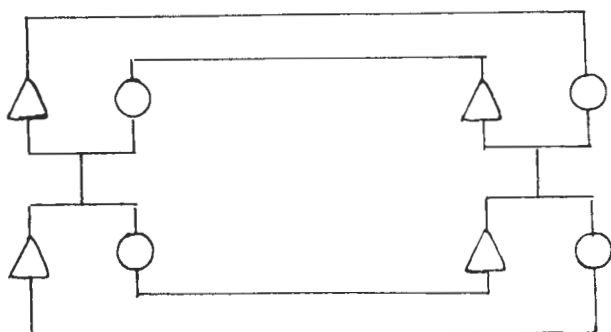


Fig. 2 — Casamento com a prima cruzada bilateral

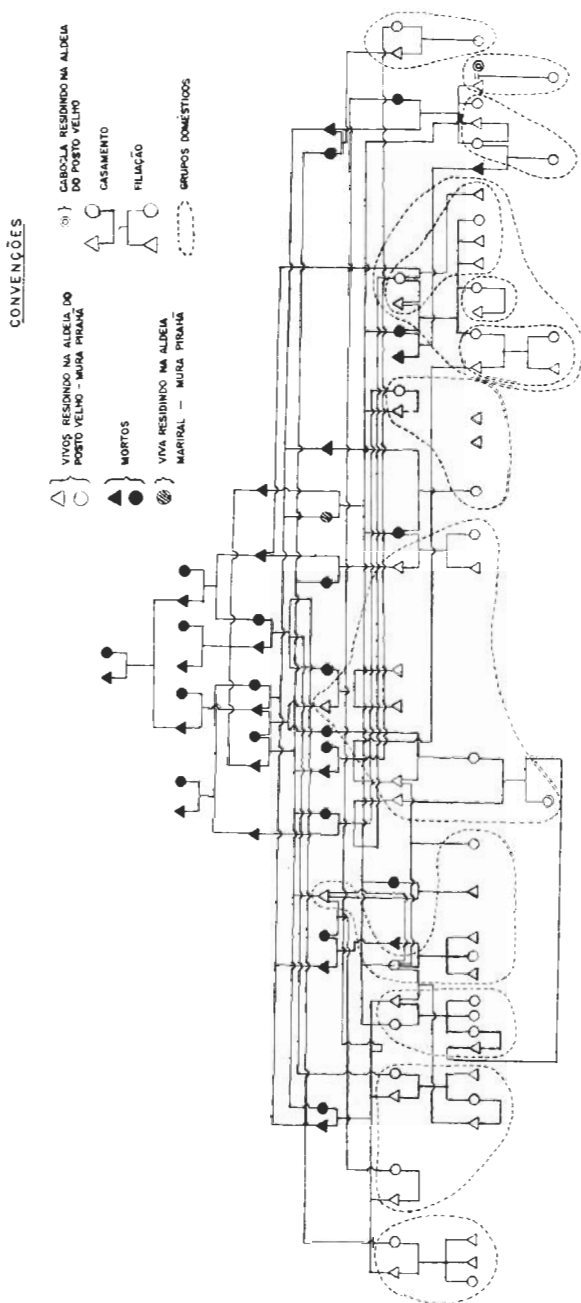
mem e a filha da prima paralela, entre um homem e a filha do primo paralelo, entre um homem e a filha da prima paralela da mãe, entre um homem e a prima cruzada do pai, entre um homem e a prima paralela do pai ou da mãe, entre um homem e a filha do primo cruzado e entre um homem e a filha da prima cruzada da mãe, para citar os casos que pudemos relacionar e conforme poderá ser visto na fig. 3, o que parece ter sido causado pelos contatos disruptivos e depopulativos sofridos através dos anos com elementos da sociedade nacional envolvente, os quais levaram o grupo a ter problemas demográficos e de sobrevivência física e, conseqüentemente, a efetuar arranjos organizatórios a fim de sobreviver. Tais fatos evidenciam que embora o sistema em si, idealmente seja prescritivo, quando em funcionamento, realmente, ele é preferencial com o primo cruzado bilateral, sendo que nessa categoria são incluídos não só os filhos de irmãos uterinos mas também os membros de uma classe mais extensiva.

Além da enumeração das formas de casamento concretizadas na aldeia Pirahã, notamos que um dos homens casou-se com uma cabocla descendente de índios Diarrói e Apurinã, a qual é membro de uma família que reside nas vizinhanças da aldeia e, mais propriamente, do Posto do **Summer**. Esta união foi realizada pela falta total de ter com quem casar-se dentro do grupo Pirahã.

Há evidências de que o casamento prescritivo, tal como enunciado atrás, tenha levado a outra regra ideal que seria a de troca direta ou troca de irmãs: — um grupo de homens receberia mulheres de outro grupo e, em troca, dariam suas irmãs como esposas para os homens do grupo doador. Tomando-se a prima paralela como equivalente a irmã, extraímos o seguinte exemplo (fig. 4) da genealogia grafada na fig. 3.

É provável, pois, que a regra ideal de casamento entre os Pirahã obedeça ao clássico esquema do sistema de duas seções, representado graficamente pela fig. 5.

Fig. 3 — Genealogia dos índios Mura-Pirahã



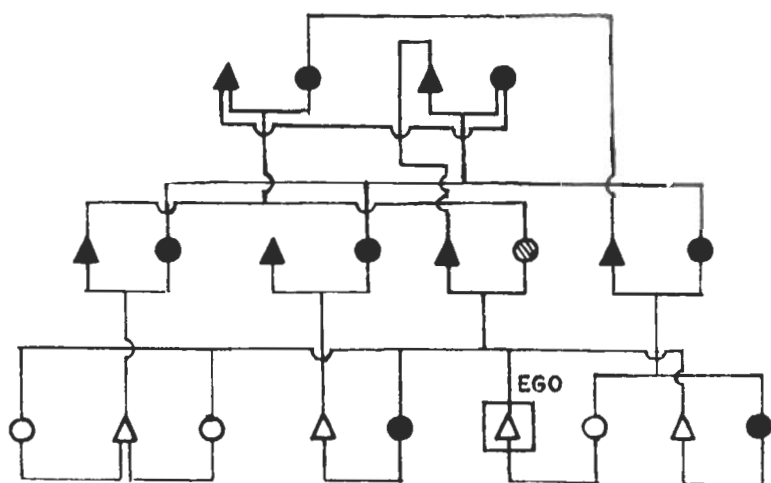


Fig. 4 — A troca de irmãs na geração de Ego

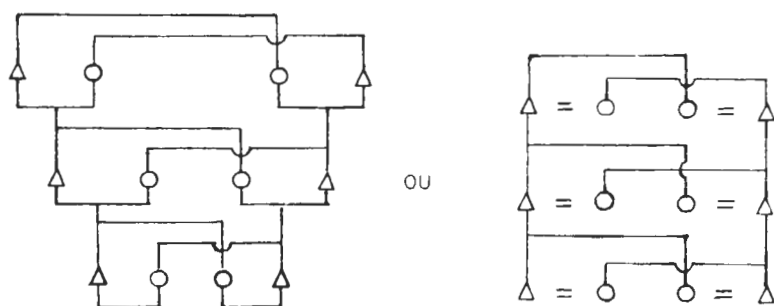


Fig. 5 — Sistema de duas seções

Na realidade, entretanto, as distinções entre os grupos doadores e os grupos receptores de mulheres não são claras e evidentes como no esquema acima, o que dificulta a verificação de alianças entre eles. Mas, como já se disse anteriormente, os Pirahã estão de tal forma reduzidos nume-

ricamente que todos se auxiliam mutuamente, e a aliança parece ter por base a sobrevivência física do grupo. De qualquer forma parece que a mulher casa no grupo em que a mãe casou e o homem no grupo em que seu pai escolheu a companheira.

Conforme pode ser visto na fig. 3 e na enumeração das uniões permitidas, o casamento não se dá apenas na mesma posição genealógica de Ego, uma vez que ocorre também entre pessoas de dois níveis genealógicos consecutivos.

Segundo os informantes, para casar deve ser observado o seguinte processamento:—

— tratando-se de um caso de iniciação sexual, em que um dos cônjuges pode mesmo ser um menino ou menina impúbere, o relacionamento é arranjado institucionalmente com os pais da criança (ou quem dela toma conta, no caso de ser órfã);

— quando dois jovens da mesma faixa etária querem se unir, primeiro eles conversam entre si e depois o rapaz deve ir falar com o pai dela. De acordo com eles, se uma “cunhã” quer casar com um determinado indivíduo ela faz o seguinte: — “se quer homem diz: — eu quero você. E se homem quer mulher diz: — eu quero você. E está tudo pronto. Aí é só falar com o pai dela”;

— no caso de um homem e uma mulher casados com outros indivíduos mas desejando unir-se, acontece o que se poderia chamar de “roubo institucionalizado”, uma vez que ao contar o fato eles empregam muito a palavra roubo. Os dois combinam desmanchar a união anterior, marcam um dia e hora para fugir e ficam ausentes por uma semana aproximadamente. Segundo eles, “vão p’ro mato” e ficam à espera de que “passe a raiva” do marido e da esposa que acabam de perder os cônjuges. Isto pode se dar também entre um homem ou u’a mulher solteiros e o outro parceiro casado. Por vezes, aquele ou aquela que perdeu seu companheiro costuma dizer que o deu para o outro.

É comum os irmãos trocarem de esposas.

Tal instituição dá como conseqüência o fato de que os indivíduos de ambos os sexos têm filhos de diferentes homens ou mulheres durante sua existência e daí talvez a razão pela qual as pessoas da geração acima de Ego sejam consideradas pais e mães dos membros da mesma categoria de Ego e para com eles tenham obrigações e deveres, o que, aliás, está refletido na terminologia de parentesco, conforme se verá posteriormente.

Embora num primeiro momento pensássemos que tal fato fosse causado pelos problemas demográficos que o grupo enfrenta, verificamos depois que o mais provável é que ele seja um ato institucionalizado que faz parte da estrutura social do grupo. Com apoio na bibliografia registramos que Aires Casal (1943 : 236) diz: "Os maiores têm muitas mulheres, e outros uma; porém largam-na quando bem lhes parece, e tomam outra".

O genro costuma trabalhar para o sogro, tanto antes quanto depois do casamento, consistindo este trabalho principalmente em roçar, pescar, caçar e construir um tapiri.

Uma vez que a pesca é a atividade de subsistência básica dos Pirahã, o fato de um homem ser bom pescador parece ser um requisito essencial para que ele encontre uma companheira. Em geral eles dizem que fulano casou com fulana porque "pescou muito".

Conforme verificamos, as uniões são monogâmicas. Os registros bibliográficos mostram, entretanto, que embora os Mura originalmente tenham sido monogâmicos, mais tarde tornaram-se poligínicos devido talvez à captura de mulheres em guerras, voltando depois a casar-se com uma só mulher (cf. Aires Casal, 1943 : 236; Ilustração — observações adicionais, 1826: cópia 19; Nimuendaju, 1948: 261; Puetter, 1944: 29; Rodrigues, 1875: 23; Spix & Martius, 1938: 184; Steward, 1948: 891; Steward & Faron, 1959: 439; Wallace, 1889: 356).

A regra de residência é matrilocal (verificar fig. 3 pela formação dos grupos domésticos), embora seja suficientemente flexível para permitir outros arranjos, como o de ser uma matrilocidade apenas temporária. Praticam também uma endogamia grupal, só em casos excepcionais ocorrendo a exogamia. E é provável que no passado tenham possuído uma organização matrilinear.

Os homens viúvos costumam ir viver na casa da filha e, se esta for solteira, na do irmão da mãe ou da filha da irmã preferencialmente, enquanto que a mulher viúva procura em primeiro lugar a casa do irmão.

Idealmente o sistema possui uma sucessão hereditária, de pai para filho, sendo que o chefe tem seus poderes bastante limitados. Na realidade, entretanto, a capacidade de liderança do indivíduo, a sua vivacidade e mesmo a imposição de um "civilizado" podem levar um Pirahã a ser chefe do grupo, embora essa chefia pareça mais simbólica do que efetivada, visto que as funções pertinentes aos adultos e ligeiramente expostas atrás, sobrepujavam as do chefe em cada uma das duas comunidades observadas. No passado, como agora, cada agrupamento Mura tinha seu chefe (Nimuendaju, 1948: 260) que na bibliografia compulsada aparece referido como: cacique, capitão, chefe maior, principal e tuxáua.

A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO

Para o conhecimento da terminologia de parentesco dos Pirahã fizemos inicialmente o levantamento genealógico tanto das famílias nucleares quanto extensas de 14 homens, uma vez que o nosso entendimento com os mesmos era mais fácil do que com as mulheres, embora posteriormente tivéssemos trabalhado com cinco delas. Depois fizemos tentativamente uma genealogia do grupo Pirahã, tal qual está apresentada na fig. 3. Para esse levantamento (realizado em

1973) valemo-nos principalmente do auxílio de 2 velhos, atualmente mortos, que já haviam trabalhado para "civilizados" do rio Madeira e de 5 homens mais jovens cujo português era de razoável entendimento, se deixássemos de lado os palavrões que a toda hora soltavam e procurássemos entender o vocabulário aprendido com os castanheiros, regatões e madeireiros que aparecem nas cercanias. Por outro lado valemo-nos de nosso precário conhecimento da língua geral e tentamos entender um pouco a língua Mura-Pirahã. Após esse levantamento começamos a perguntar como é que fulano chamava beltrano. Para trabalharmos com as mulheres usamos os homens como intérpretes. Além disso, procuramos verificar pela observação cotidiana, como é que os indivíduos se referiam uns aos outros e como é que se chamavam reciprocamente. Só conseguimos obter os termos de preferência, mesmo assim com dificuldade, porque eles em geral se chamam pelo nome próprio (em Pirahã, apesar de muitos possuírem nomes em português dados por um padre que chegou até eles e, segundo desconfiarmos, também por regatões).

Logo de início observamos que os índios em questão possuem u'a memória genealógica fraca, pois, o mais comum era abrangerem 4 ou 5 gerações. Apenas um chegou a fazer referências a indivíduos que abrangiam 6 gerações (1.^a, 2.^a e 3.^a ascendente — geração de Ego — 1.^a e 2.^a descendente). Todavia, como já verificamos anteriormente, a estrutura social do grupo, que parece aliar-se como um todo por causa principalmente de sua sobrevivência física, não exige que seus membros conheçam toda uma geração de antepassados por causa de problemas de descendência, casamento e aliança. Basta saber com quem pode casar-se. Mesmo assim essa regra é extremamente flexível, em função dos problemas demográficos que o grupo sofre e uma série de arranjos surge para que homens e mulheres tenham seus companheiros e possam procriar.

Notamos, também, que os Pirahã chamam-se a todos de *txeahiaga* (= irmão) enquanto que a índios de outros grupos eles se referem por *txeebaguiaga* (segundo os informantes a tradução seria primo mas, na verdade, eles desconhecem o significado exato desse termo). Aos "civilizados" da região, independente de cor, eles chamam de *cariua* que é um termo da língua geral. Aos missionários do **Summer**, eles chamam de *americanos*. A principal distinção que eles traçam entre os *cariua* e os *americanos*, parece-nos uma resultante do contato diverso que esses índios têm tido com uns e com outros. Dos regatões, castanheiros e outros *cariuas* que por lá aparecem eles, só têm sofrido espoliações, enquanto que dos *americanos* eles têm recebido assistência médico-sanitária e até comercial, ou seja, auxílio na transação econômica com os regatões. Dessa forma, há uma oposição entre brasileiro (*cariua*) e americano que é similar àquela de ruim/bom, feio/bonito. Para eles, todos os brasileiros são maus e feios, enquanto que os americanos são bons e belos. Dentro de seus critérios de classificação a A. tinha que ser forçosamente americana e nunca brasileira.

Acreditamos que a essa forma dos índios Mura-Pirahã classificarem dicotomicamente os indivíduos do "nosso grupo" e os de "outros grupos" poderíamos chamar não só de distância cultural mas também sócio-geográfica, tal qual fizeram Buchler e Selby (citado por Jackson, 1977: 99) denominando a dicotomia entre "our side" e "the other side" como um modelo "sociogeográfico" da dicotomia que caracteriza os sistemas Dravidianos.

Como já dissemos, o fato deles todos se chamarem de irmãos e de empregarem vocativamente o nome próprio, complicou um pouco a obtenção dos termos de parentesco. Além disso não possuíamos nenhum apoio bibliográfico, uma vez que Nimuendaju (1925: 165-166) apesar de fornecer um vocabulário Mura-Pirahã não faz referência à terminologia de parentesco. Todavia, com paciência e verificando continua-

mente os dados genealógicos conseguidos, pudemos obter os termos de parentesco que aparecem na tabela 1 e que nos parecem ter a seguinte lógica: geração de Ego, a dos mais velhos e a dos mais jovens. Os homens e as mulheres falam da mesma maneira, só havendo a distinção de prima cruzada para os primeiros e de primo cruzado para as segundas, na geração de Ego, pela necessidade de ter alguém com quem casar.

Para facilitar a compreensão dessa terminologia organizamos, com base na tabela 1, quatro diagramas e mais um quadro onde expomos seis categorias de parentesco encontradas.

TABELA 1. Termos de parentesco Mura-Pirahã⁽⁵⁾

- 1 — *txeogulaga*
 todos os homens e mulheres da 1.ª e da 2.ª geração ascendente
- 2 — *txeahiaga*
 — irmão
 — irmã
 — filho do irmão do pai
 — filha do irmão do pai
 — filho da irmã do pai (homem falando)
 — filha da irmã do pai (mulher falando)
 — filho da irmã da mãe
 — filha da irmã da mãe
 — filho do irmão da mãe (homem falando)
 — filha do irmão da mãe (mulher falando)
 — marido da irmã da esposa

(5) — Esta lista foi grafada de acordo com a pronúncia portuguesa, utilizando-se símbolos fonéticos especiais apenas para os seguintes casos:

1) oclusiva médio-velar surda: k

2) fricativa global surda: h

O prefixo *txe* parece significar *eu*, enquanto que o sufixo *aga* pode ser traduzido por *tenho* (informação pessoal de Steven Sheldon, linguista e missionário do *Summer*).

- irmão da esposa
- marido da irmã (homem falando)
- marido da filha do irmão do pai (homem falando)
- marido da filha da irmã do pai (homem falando)
- marido da filha da irmã da mãe (homem falando)
- marido da filha do irmão da mãe (homem falando)
- esposa do filho do irmão do pai (mulher falando)
- esposa do filho da irmã do pai (mulher falando)
- esposa do filho da irmã da mãe (mulher falando)
- esposa do filho do irmão da mãe (mulher falando)
- esposa do irmão (mulher falando)
- esposa do irmão do marido
- irmã do marido

3 — *txeebaihiaga*

- filha da irmã do pai (homem falando)
- filho da irmã do pai (mulher falando)
- filha do irmão da mãe (homem falando)
- filho do irmão da mãe (mulher falando)
- irmã da esposa
- esposa do irmão da esposa
- esposa do filho do irmão do pai (homem falando)
- esposa do filho da irmã do pai (homem falando)
- esposa do filho da irmã da mãe (homem falando)
- esposa do filho do irmão da mãe (homem falando)
- esposa do irmão (homem falando)
- irmão do marido
- marido da irmã do marido
- marido da filha do irmão do pai (mulher falando)
- marido da filha da irmã do pai (mulher falando)
- marido da filha da irmã da mãe (mulher falando)
- marido da filha do irmão da mãe (mulher falando)
- marido da irmã (mulher falando)

4 — *txeebaiçaga*

- esposa
- marido

5 — *txehoiçaga*

— todos os homens da 1.^a e da 2.^a geração descendente

6 — *txekaaga*

— todas as mulheres da 1.^a e da 2.^a geração descendente

O exame tanto da tabela 1 quanto das fig. 6, 7, 8 e 9 indica que:—

— a terminologia de parentesco dos índios Mura-Pirahã, até onde conseguimos obtê-la, memoriza cinco gerações;

— essas cinco gerações, quanto aos termos, ficam na verdade reduzida a três: a geração de Ego, a dos mais velhos (1.^a e 2.^a ascendente) e a dos mais novos (1.^a e 2.^a descendente). Parecendo confirmar tal fato, segundo o linguista Steven Sheldon (informação pessoal), a tradução literal de *txeoguiaga* (vocábulo usado na 1.^a e 2.^a geração ascendente para todos os homens e mulheres que se classificam nessa categoria) é: "eu tenho um grande". Dessa forma, parece que o princípio mais importante na classificação social dos Pirahã é a *geração*, no sentido de geração acima de Ego e geração abaixo de Ego;

— o termo *txeoguiaga*, como vimos, é utilizado sem que o critério de geração (parcialmente, para 1.^a e 2.^a ascendente) e o de sexo tanto para o indivíduo designado quanto para a pessoa que fala, sejam levados em consideração. Não existe, também, uma oposição de afins e consanguíneos. Há, pois, uma fusão total, sendo o vocábulo usado classificatório.

Como o termo que nos foi fornecido pelos informantes é por demais generalizante, quando complica a identificação das pessoas eles usam o seguinte processamento: — por exemplo, uma criança chamada Paahai, querendo referir-se ao pai da mãe, nominado Ma'ai, dirá: "Paahai aguiaga, Ma'ai" — A seu pai, chamado Apibai, ela se referirá como "Paahai aguiaga, Apibai". Mas, como já dissemos anteriormente, eles em geral utilizam o nome próprio da pessoa tanto para

Fig. 6 — Parentesco consanguíneo (Ego masculino)

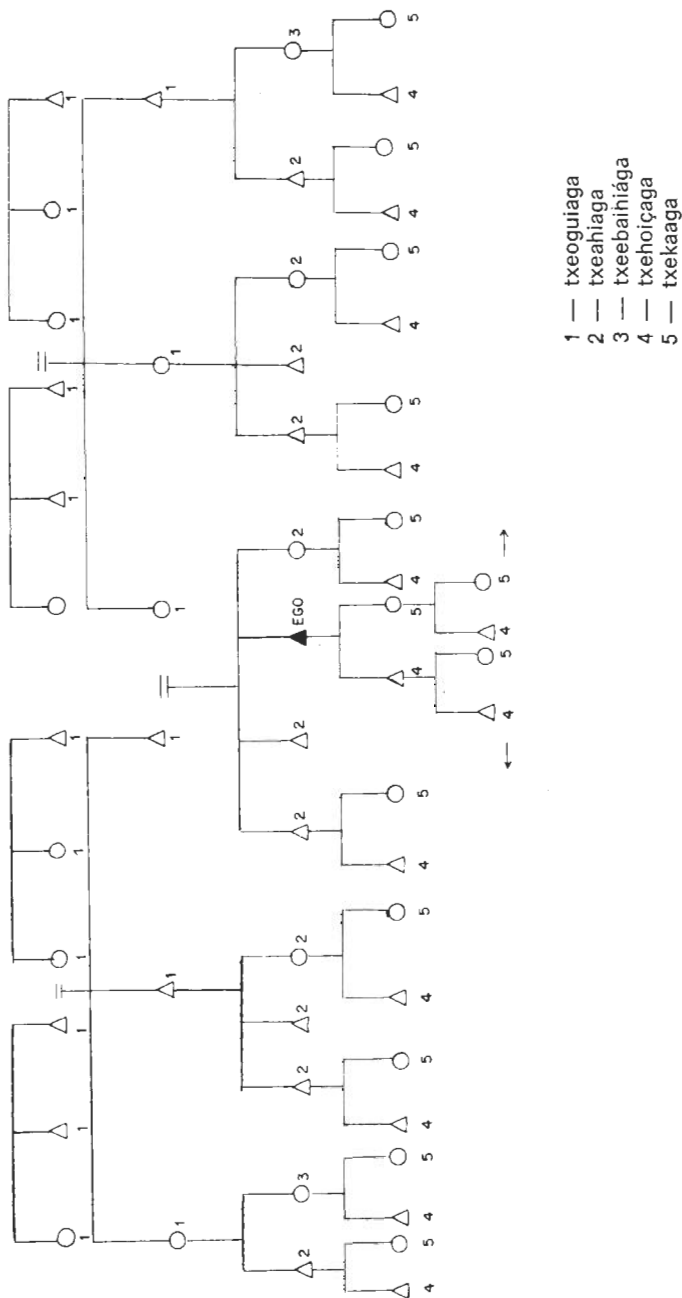
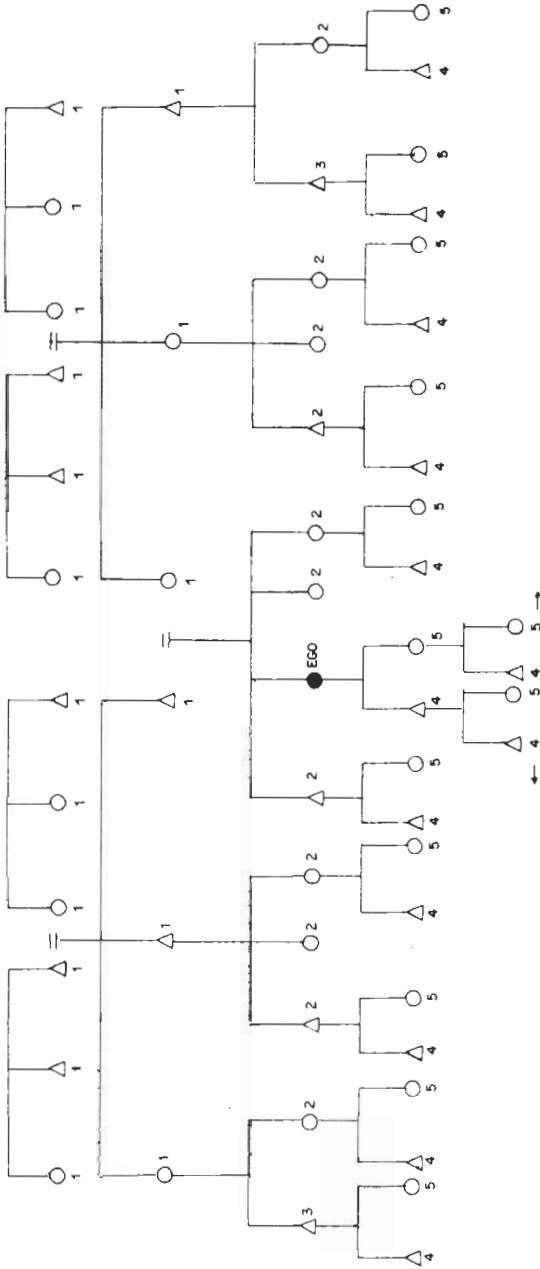
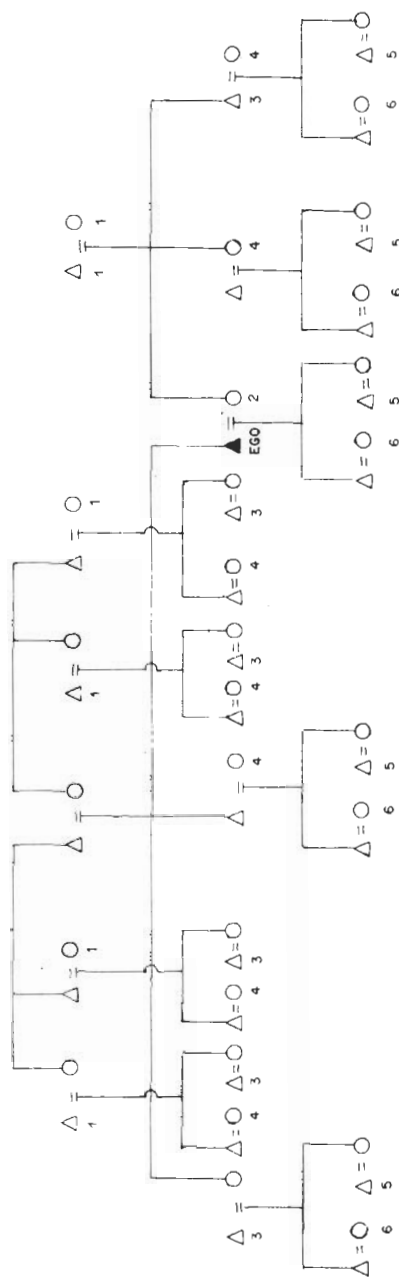


Fig. 7 — Parentesco consanguíneo (Ego feminino)



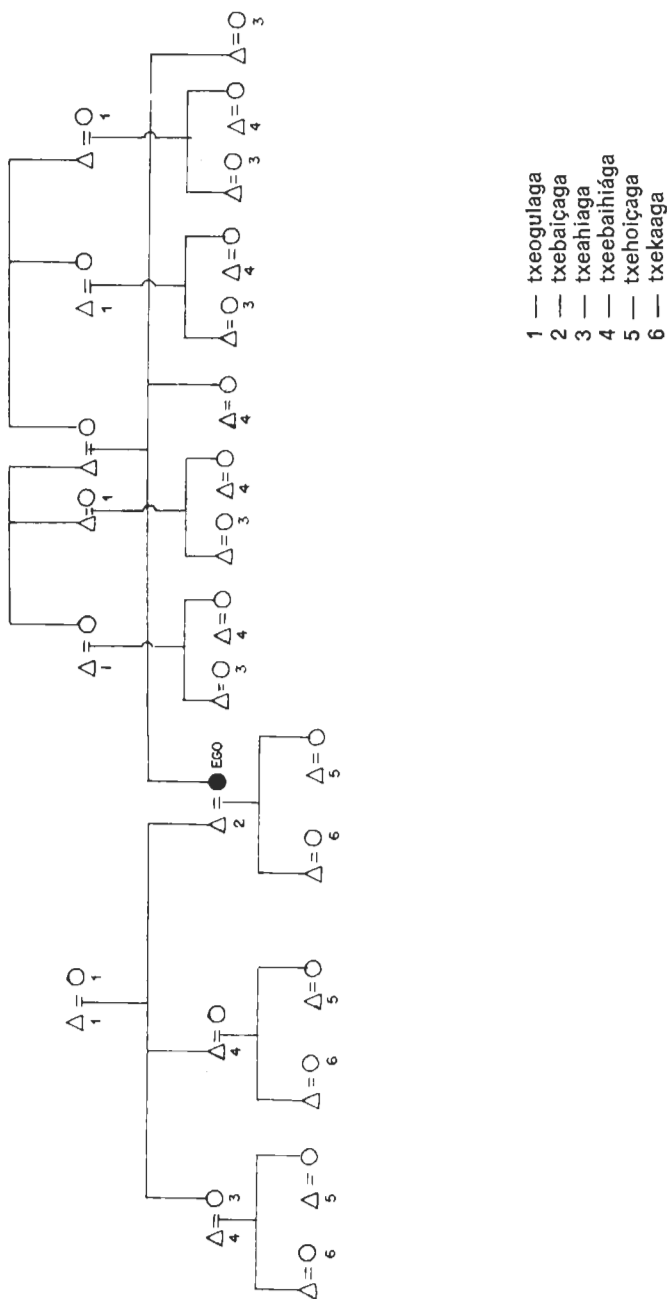
- 1 — txeoguiaga
- 2 — txeahiaga
- 3 — txeebaihiaga
- 4 — txehoiçaga
- 5 — txeakaaga

Fig. 8 — Parentesco afim (Ego masculino)



- 1 — txeoguiaga
- 2 — txeaiçaga
- 3 — txeahiaga
- 4 — txebaihiaga
- 5 — txehoiçaga
- 6 — txeakaaga

Fig. 9 — Parentesco afim (Ego feminino)



- 1 — txeogulaga
- 2 — txebaiçaga
- 3 — txeahiaga
- 4 — txeebahiága
- 5 — txehoiçaga
- 6 — txekaaga

referência quanto vocativamente. Quanto a diferenciações de sexo, estas costumam ser feitas pela adição de um sufixo que significa masculino ou feminino;

— na geração de Ego, sendo este um homem, os primos paralelos de ambos os sexos e os primos cruzados do sexo masculino são equiparados aos *siblings* (*txeahiaga*). Só há um termo diferente para a prima cruzada (*txeebaihiaga*), termo esse que significa a esposa em potencial. Sendo Ego uma mulher, a única distinção terminológica que ela fará será com relação ao primo cruzado (*txeebaihiaga*), que é também seu esposo em potencial. Casando-se, tanto o homem quanto a mulher passam a chamar a esposa ou o marido de *txeebaiçaga*. Nessa geração, portanto, o critério de sexo é usado parcialmente e há uma oposição entre afim e consanguíneo. Além de um termo diferente para esposa ou marido, todos os afins femininos, sendo Ego homem, ou todos os afins masculinos, sendo Ego mulher, são referidos como *txeebaihiaga* que é o mesmo vocábulo empregado para o (a) esposo (a) em potencial. Já os afins masculinos, quando Ego é um homem ou os afins femininos, quando Ego é uma mulher, são equiparados aos *siblings*. A terminologia é denotativa para o caso de esposo(a) e classificatória para os demais. Podemos, pois, dizer que a forma de classificação social nessa geração é a de um sistema terminológico prescritivo de duas seções, o que dá como consequência uma regra ideal de casamento que obedece ao clássico esquema do sistema de duas seções, conforme foi visto anteriormente;

— na 1.^a e na 2.^a geração descendente é usado o critério de sexo para a pessoa designada mas não para a que fala, enquanto que o critério de geração, tal qual ocorre na 1.^a e na 2.^a ascendente, não é levado em consideração. Também não há oposição entre afins e consanguíneos. A terminologia é classificatória.

As categorias de parentesco, tais quais foram classificadas pelos informantes Mura-Pirahã, agrupam-se, como acabamos de ver, em número de seis e podem assim ser enquadradas (6):

+2	todos os homens e mulheres da 1. ^a e 2. ^a geração ascendente		
+1			
0	I, i, fiP, FiP, fim Fim, FIm, FiP e todos os afins masculinos desta geração	EGO	e fiP, fim e todos os afins femininos desta geração
-1	F e todos os homens da 1. ^a e 2. ^a geração descendente		f e todas as mulheres da 1. ^a e 2. ^a geração descendente
-2			

Fig. 10 — Categorias de parentesco quando Ego é do sexo masculino.

Se utilizarmos a diferenciação que Needham (1973: 18-19) faz em terminologia de parentesco linear e não linear, o exame dos dados coletados entre os Pirahã indica que a sua terminologia é *não linear*, pela falta de um princípio de distinção de status.

Além disso, o uso quase generalizante de termos onde falta uma distinção de sexo parece refletir-se numa divisão de trabalho bastante frágil, conforme já enunciamos linhas atrás.

(6) — **Convenção**

P = pai

m = mãe

l = irmão

i = irmã

f = filha

F = filho

IP = irmão do pai

e = esposa

CONCLUSÃO

Conforme explanamos na parte introdutória deste trabalho, uma das razões da escolha da terminologia de parentesco dos Pirahã foi a sua simplicidade diante de outros sistemas conhecidos entre grupos tribais das Américas e da Amazônia em particular, fato esse que nos pareceu importante ser divulgado.

Agora que já sabemos que a esta forma de terminologia acompanha uma prescrição de casamento, regra essa (prescritiva) que, aliás, ocorre não só entre os grupos tribais das Américas mas também, entre outros, em grupos espalhados pela Ásia e Austrália, podemos dizer que no caso específico da área cultural das terras baixas (*lowland*) da América do Sul, onde situam-se os índios Mura-Pirahã, estes apresentam o traço fundamental dos grupos estudados por Rivière (1976) em sua tentativa de encontrar um ponto comum entre os grupos classificados dentro do tipo Floresta Tropical, ou seja, a ordenação da terminologia de parentesco em duas linhas (sistema de duas seções), que é o traço essencial do que ele chama de estruturas simétricas (*symmetric structures*). Todavia, enquanto que aquele autor mostra que a ordenação da terminologia em duas linhas aparece pelo menos em dois níveis genealógicos e usualmente em três (geração de Ego — 1.ª geração ascendente e 1.ª geração descendente), no caso Pirahã ela só ocorre na geração de Ego, pela necessidade de ter alguém com quem casar. Mas, provavelmente, tal simplificação seja uma decorrência do contato com frentes pioneiras da sociedade nacional.

SUMMARY

The subject of this paper is the description of some social and economic data of the Mura-Pirahã indians and the analysis of their relationship terminology. These indians

are settled on the Maici River (Madeira-AM) and the data here presented were collected in 1973, from July to September and checked in September of 1975 and March-April of 1976. The Mura-Pirahã were chosen because their relationship terminology appears to be less complex than the other relationship terminologies known for indigenous groups of South America and for the Amazonian groups particularly. Besides this, there is urgency in this study because of the disruptive contacts with Brazilians, particularly now with the construction of the Transamazonica and Manaus-Porto Velho roads. The Mura-Pirahã relationship terminology is classified as a two-section system and is accompanied by a marriage prescription.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AB'SABER, Aziz Nacib

1970 — *Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil*. *Geomorfologia*, São Paulo, 20, 26 p.

AIRES CAZAL, Manoel

1943 — *Corografia brasileira*. São Paulo, Cultura, 2 v.

GRUBB, Kenneth

1927 — *The lowland indians of Amazonia*. London, World Dominion Press. 159 p.

HEINRICH, Arlo L.

1964 — Os fonemas do Mura-Pirahã. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n. ser. *Antropologia*, Belém, 21:9.

IBGE

1970 — *Divisão do Brasil em micro-regiões homogêneas 1968*. Rio de Janeiro. 564 p., tab.

ILLUSTRAÇÃO necessária e interessante, relativa ao gentio da nação

1826 — Mura, habitador dos rios Madeira, Trombeta, Guatazes, Cadajazes, Purus, Mamia, Coari, Paruá e Copaca, na Capitania do Rio Negro. 12 fls. (Manuscrito anônimo).

— Observações adicionais a ilustração sobre o gentio Mura, escripta em 1826. 12 fls. (Manuscrito anônimo)

JACKSON, Jean E.

- 1977 — Bará zero generation terminology and marriage. **Ethnology**, Pittsburgh, 16(1) : 83-104.

MALCHER, José M. Gama

- 1962 — **Índios**. Rio de Janeiro, p. 99-103.

NEEDHAM, Rodney

- 1973 — Remarks on the analysis of kinship and marriage. In: ———. **Rethinking kinship and marriage**. London, Tavistock p. 1-34 (A. S. A. Monographs, 11).

NIMUENDAJU, Curt

- 1925 — As tribus do alto Madeira. **J. Soc. Améric. n. ser.**, Paris, 17 : 137-72.

- 1948 — The Mura and Pirahã. In: **HANDBOOK of South American Indians**. **Bull. Bur. Amer. Ethnol.**, Washington, 143(3) : 255-69.

PUETTER, Pancrácio

- 1944 — A missão franciscana no Estado do Amazonas. In: **Órgão da Provincia Franciscana de Santo Antonio do Brasil**. Recife, Ed. do Provincialado do Recife.

RIVIERE, Peter

- 1976 — The lowland South America Culture area: a structural definition. In: **CONGRÉS INTERNATIONAL DES AMERICANISTES**, 42, Paris. (Manuscrito)

RODRIGUES, Ivelise & OLIVEIRA, Adélia Engrácia de

- 1977 — Alguns aspectos da ergologia Mura-Pirahã. **B. Mus. Pa. Emilio Goeldi, n. ser. Antropologia**, Belém, 65, 47 p., il.

RODRIGUES, João Barbosa

- 1875 — Exploração do rio Urubú e Jatapú. In: ———. **Valle do Amazonas**. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 129 p.

SHELDON, Steven N.

- 1974 — Some morphophonemic and tone perturbation rules in Mura-Pirahã. **Int. J. Amer. Ling.**, Chicago, 40 (4 pt. 1) : 279-82.

SPIX, T.B. von & MARTIUS, K.F.P. von

- 1938 — **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 3 v.

STEWART, Julian H.

1948 — Culture Areas of the Tropical Forest. In: HANDBOOK of South American Indians. **Bull. Bur. Amer. Ethnol.**, Washington, 143(3).

STEWART, Julian H. & FARON, Louis C.

1959 — **Native peoples of South America**. New York, McGraw-Hill. xi, 481 p.

WALLACE, A.R.

1889 — **Travels on the Amazon and rio Negro with an account of the native tribes and Natural History of the Amazon Valley**. London, Lock, 363 p.

Aceito para publicação em 10/11/77

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. A terminologia de parentesco Mura-Pirahã. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova série: Antropologia**, Belém (66): 1-33, fev. 1978. ilus.

RESUMO: Apresentação de dados gerais sobre a organização social e econômica dos índios Pirahã, subgrupo Mura, localizado no rio Maici, afluente do Marmelos (Madeira-AM), dados esses coletados em 1973 e revisados em 1975 e 1976. Os aspectos sócio-econômicos descritos estão relacionados ao sistema terminológico de parentesco desses índios, enquanto sistemas de classificação, e a análise dessa terminologia é o ponto central do trabalho. Foi classificada como um sistema de duas seções, sistema esse que é acompanhado por uma regra prescritiva de casamento, sendo que a terminologia de parentesco dos Pirahã parece ser consideravelmente mais simples do que as demais conhecidas para os grupos tribais das Américas e da Amazônia em particular. Os termos são categorizados em função da geração de Ego, a dos mais velhos e a dos mais novos, dando como conclusão apenas seis categorias de parentesco.

CDU 301.185.1 (811.3=082)

CDD 301.421

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI